

---

# BAURU: TERRA DE CERRADO OU FLORESTA ?

## BAURU: REGION OF CERRADO OU FOREST ?

Osmar Cavassan<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** Bauru: terra de cerrado ou florestas? O município de Bauru localiza-se no interior do estado de São Paulo, onde os mapas que mostram a distribuição da vegetação nativa, não definem claramente qual a sua natureza. Com o objetivo de esclarecer quais tipos de vegetação nativa ocorriam nesta região, fez-se um levantamento bibliográfico, desde documentos antigos elaborados por naturalistas que descreveram esta região, até resultados de pesquisas recentes de caráter florístico e fitossociológico. Conclui-se que em Bauru, as matas estacionais semidecíduais recobrem a região noroeste do Município e o cerrado a região sudeste. Nas áreas ribeirinhas onde predominava o cerrado, ainda existem vestígios de matas e campos paludosos. Nas áreas limítrofes entre matas e cerrados, é comum a ocorrência de vegetação de transição, com espécies dos dois tipos de vegetação distintos e outras típicas destes ecótonos.

**Palavras-chave:** vegetação nativa, fragmentos vegetacionais, mosaico vegetacional, savana florestada, floresta estacional semidecidual, floresta paludosa.

**ABSTRACT:** Bauru: region of cerrado ou forest? The city of Bauru is located in São Paulo State, where the maps showing native vegetation distribution does not clearly define its nature. In order to clarify which types of native vegetation was found in this region, a bibliographic survey was performed, ranging from ancient documents prepared by naturalists describing this region and recent research results of floristic and phytosociological character. It is concluded that in Bauru, semideciduous seasonal forests overlays the northwestern and that cerrado comes over the southeast region. In riparian areas where the cerrado prevailed, there are still traces of swamp forests and swamp grasslands. In the border areas between forests and cerrado, the occurrence of vegetation transition is common, with two distinct types of it and other typical of these ecotone zones.

**Key words:** native vegetation, vegetation fragments, vegetation mosaic, savanna woodland, semideciduous seasonal forest, swamp forest.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Licenciatura Em Ciências pela Fundação Educacional de Bauru (1972), graduação em Licenciatura Em Ciências Biológicas pela Faculdade de Ciências Farias Brito (1974), mestrado em Ciências Biológicas (Biologia Vegetal) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1982), doutorado em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas (1990) e livre-docente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: cavassan@fc.unesp.br.

## Introdução

Há menos do que 200 anos, as florestas, savanas e campos nativos no Brasil eram vistos como obstáculos para o crescimento e desenvolvimento da população humana. Atualmente, tem-se em especial no estado de São Paulo, fragmentos remanescentes daqueles tipos de vegetação, cujo conhecimento de suas características botânicas e ecológicas, constitui o retrato momentâneo da história da vida das comunidades que as constituem. É a partir deste conhecimento, que se definem os estudos para o entendimento da evolução das comunidades vegetais de uma região, necessários para os procedimentos de planejamento ambiental, onde se associam ações que garantem sobrevivência e conforto do homem com o mínimo de comprometimento dos demais elementos do ambiente.

É objetivo deste artigo, descrever os tipos de vegetação nativa que recobriam a região de Bauru, considerando-se as descrições feitas por antigos naturalistas que viajaram por este município, assim como, os trabalhos de natureza florística e fitossociológica, realizados recentemente.

## O complexo vegetacional do município de Bauru - Histórico

Historicamente, as florestas foram as primeiras a despertar o interesse do colonizador, principalmente os imigrantes que chegaram ao Brasil no início do século passado. Como fonte de madeira de boa qualidade, as florestas forneceram material para construções de casas, cercas, dormentes para ferrovia e móveis. Aquelas espécies de qualidade inferior, serviram de combustível para os fogões, caldeiras e fornos. A associação de exuberantes florestas, com solos férteis para a agricultura, provocou também sua rápida substituição por cafezais, canaviais e outros tipos de cultura agrícola. A importância dada às florestas é eivada de um forte componente utilitarista, ou seja, vale tanto quanto pode render economicamente.

A vegetação savânica e ou campestre do cerrado, com árvores pequenas, troncos tortuosos e cascudos, presentes na maioria das vezes em solos menos férteis para a agricultura, era considerada de menor valor e raras vezes, recebia o adjetivo de bonita. Sua única utilidade parecia ser a de pastagem natural ou fornecedora de lenha de qualidade inferior.

Desvalorizado e, portanto, sem interesse em se conhecer mais de sua estrutura e funcionamento, tornou-se também desprotegido. Se, foi menos ameaçado que as florestas até a metade do século XX, atualmente por existirem menos leis que os protegem, por causa do desenvolvimento da tecnologia agrícola que permite o plantio com vantagens econômicas nos terrenos onde ocorrem e por ocorrerem em áreas pouco acidentadas o que facilita a mecanização (BITENCOURT; MENDONÇA, 2004), está desaparecendo rapidamente. Estima-se que no estado de São Paulo, ocupava em 1950, uma área equivalente a 14% e recentemente, menos que 1% (SIQUEIRA; DURIGAN, 2007).

No entanto, muitos estudos revelam que o cerrado abriga uma alta diversidade biológica, sendo muitas espécies endêmicas do Brasil. Por isso, no início deste século, o cerrado foi considerado um dos *25 hotspots* para a conservação em escala global. Anteriormente apenas a Mata Atlântica ocupava tal *status* no Brasil.

Inúmeros trabalhos relativos à vegetação do município de Bauru, apresentam diferentes ângulos de observação. Isoladamente descrevem desde fragmentos de cerrado sentido amplo até matas higrófilas em ambientes permanentemente encharcados.

Os documentos botânicos elaborados até o século XIX, não se referem à vegetação da região de Bauru. Naquela época as pessoas se referiam a esta região como sertão bruto

ou região de terras desconhecidas, habitadas por índios ferozes.

Os naturalistas que viajaram pelo interior do Brasil e descreveram a vegetação e flora dos lugares onde passaram, tais como Auguste De Saint-Hilaire entre 1816 e 1822 (SAINT-HILAIRE, 1976), Augusto Emílio Zaluar entre 1860 e 1861 (ZALUAR, 1975) e Löefgren em 1898 (LÖEFGREN, 1898), não se referiram à região de Bauru. A região mais próxima que fizeram referência foi Botucatu, por Löefgren, e o vale do rio Tietê, utilizado pelos demais viajantes para atingir o estado de Mato Grosso do Sul, citando, no entanto, cidades como Porto Feliz, Itu e Piracicaba.

Na Revista do Instituto Geográfico e Geológico, volume 10, números 3 e 4 de 1952 (CARDOSO, 1952), é publicada uma cópia de um relatório apresentado ao Dr. Carlos J. Botelho, Secretário da Agricultura, referente aos trabalhos de exploração dos rios Feio e Aguapeí executados durante o ano de 1905. Destaca-se o relatório apresentado pelo Sr Gustavo Edwall, botânico que integrava a equipe. A presença do cerrado é descrita no trecho “Sobre um terreno arenoso, vestido por uma vegetação, geralmente conhecida como cerrado de campo, acha-se situada, no fim da linha férrea Sorocabana, a Vila de Baurú” (p.52). A presença de mata estacional é registrada utilizando-se o ribeirão Bauru como referência:

O pequeno rio do mesmo nome, afluente da margem esquerda do rio Tietê, constitui aqui o limite exato entre as duas formações campestre e silvestre desta parte do sertão paulista. Na margem esquerda do rio Bauru, a vegetação campestre acha-se substituída imediatamente por uma outra, silvestre e alta. (CARDOSO, 1952, p.52)

Nos estudos atuais feitos em remanescentes da vegetação nativa, tal afirmação é comprovada, pois os fragmentos de matas encontram-se na margem esquerda (CAVASSAN; CESAR; MARTINS, 1984; TONIATO, 2001) e os de cerrado na margem direita do Ribeirão Bauru (FERRACINI; FERLINI; CAVASSAN, 1983; CAVASSAN, 1990; PASCHOAL; CORRÊA, 1996; CHRISTIANINI; CAVASSAN, 1998; FARACO, 2007).

No Índice Bibliográfico e Numérico das Plantas Colhidas Pela Comissão Rondon publicado em 1951 pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (HOEHNE, 1951), está registrado que o botânico João Geraldo Kuhlmann, partiu do Rio de Janeiro em 11 de setembro de 1914, chegando a Cuiabá em 3 de outubro. Considerou a viagem relativamente rápida porque a fez via São Paulo, pela estrada de ferro até Porto-Esperança e de lá fluvial pelos rios Paraguai, São Lourenço e Cuiabá. Naquele ano, a única opção para viagem de trem no trecho citado era de São Paulo até Bauru pela Estrada de Ferro Sorocabana e de Bauru até Corumbá via Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Deste modo, entende-se que este botânico passou por Bauru, mas não há registro de que tenha se interessado pela vegetação e flora local.

Outro trabalho publicado sobre a vegetação de Bauru foi em 1948 por Henrique Pimenta Veloso (VELOSO, 1948). Refere-se a uma viagem realizada por uma equipe do Instituto Oswaldo Cruz, que partiu do Rio de Janeiro em direção a São Paulo no dia 22 de maio de 1948 e em seguida para Bauru chegando no dia 5 de junho. Nesta cidade a equipe hospedou-se no antigo Leprosário Aimorés, hoje Instituto Lauro de Souza Lima. Durante a sua estada, Veloso realizou uma detalhada descrição fitofisionômica da vegetação regional indicando as formas predominantes, ou seja, florestal e cerrado.

A existência de pelo menos dois tipos básicos de vegetação na região de Bauru já era possível constatar quando o documento Os Frutos da Terra (WENZEL, 1988) cita, que em 1910 “**a rala vegetação do areal** cede lugar a construções que elevam a 1600 as

casas do núcleo urbano de Bauru. **Jequitibás, perobeiras, aroeiras, faveiros e angicos do cerrado**, tiveram que ir abaixo para ceder seu espaço a um novo tempo” (p.69). A rala vegetação do areal provavelmente refira-se a vegetação de cerrado assim como a existência de faveiros e angicos. No entanto, jequitibá, peroba e aroeira são espécies típicas de mata estacional.

Serra Filho et al. (1974) publicaram resultados de estudos sobre a distribuição da vegetação nativa na região administrativa de Bauru. Para o município de Bauru são apresentados os seguintes valores em porcentagens do total da categoria no Estado: 11,05% de cerradão; 13,63% de cerrado sentido restrito; 3,27% de campo cerrado; 0,82% de mata; 2,55% de capoeira e 7,11% de “reflorestamento”. Em 1983, Cavassan questiona estes dados, relatando que em visitas aos fragmentos de vegetação nativa na região de Bauru, raramente a formação savânica que caracteriza o cerrado sentido restrito ou campo cerrado eram observados, predominando matas e cerradões. Nogueira (1976) registra a ocorrência de matas tropicais em Bauru, embora admita que a maior parte da vegetação nativa remanescente seja constituída de cerrado, sem especificar a fisionomia.

Assim, considerando-se este breve retrospecto histórico, pode-se deduzir que o município de Bauru era revestido por vegetação florestal, cerradão, cerrado sentido restrito, campo cerrado, capoeira e reflorestamento. Este último era, provavelmente, plantações de eucaliptos, principalmente ao longo da ferrovia.

Todos os trabalhos citados tinham natureza fisionômica e/ou fitogeográfica. Após 1980, foram feitos vários trabalhos na região, de natureza florística e fitossociológica em mata estacional semidecidual (CAVASSAN, 1983; CAVASSAN; CESAR; MARTINS, 1984; TONIATO, 2001); em cerradão (FERRACINI; FERLINI; CAVASSAN, 1983; CAVASSAN, 1990; PASCHOAL; CORRÊA, 1996; CHRISTIANINI; CAVASSAN, 1998; FARACO, 2007); em transição entre cerradão e mata estacional semidecidual (PINHEIRO; MONTEIRO; CESAR, 2002; WEISER, 2007; PINHEIRO; MONTEIRO, 2008); e em mata estacional semidecidual com encharcamento permanente (CARBONI, 2007). Koch e Kinoshita (1999) fizeram o levantamento das espécies da família Apocynaceae na região de Bauru e Genovez (2007) na mesma área, o levantamento das espécies da família Arecaceae. Em todos estes trabalhos, as formações campestres e savânicas de cerrado não foram reconhecidas. Assim, questiona-se a ausência destas fisionomias de cerrado nos trabalhos recentes. Seriam formações vegetais mais susceptíveis a degradação em função de serem abertas e desapareceram entre os dois períodos citados? As formações campestres seriam remanescentes de cerradões perturbados? Os critérios de classificação no passado seriam diferentes dos atuais?

A história da substituição da vegetação nativa no estado de São Paulo pela agricultura e pecuária (LEÃO, 2000) revela que as áreas florestais foram as primeiras a serem degradadas, em função de ocorrerem em solos mais férteis para a prática agrícola. As formações abertas de cerrado indicavam solos oligotróficos e de pouco valor. Assim a utilização econômica destas fisionomias de cerrado era na maioria das vezes como pastagens naturais, permanecendo o estrato lenhoso. Embora recentemente tais fisionomias sejam ocupadas pela capacidade de correção do pH do solo e por apresentarem fácil mecanização, a primeira hipótese é pouco provável. Do mesmo modo, o fato das três fisionomias de cerrado serem mencionadas no passado, implica que já havia o reconhecimento de formações abertas de cerrado além de cerradões e matas.

Durigan et al. (2003) analisaram 202 listagens florísticas obtidas em cerrado nos estados de São Paulo (83), Paraná (1), Goiás (20), Mato Grosso do Sul (34) e Minas



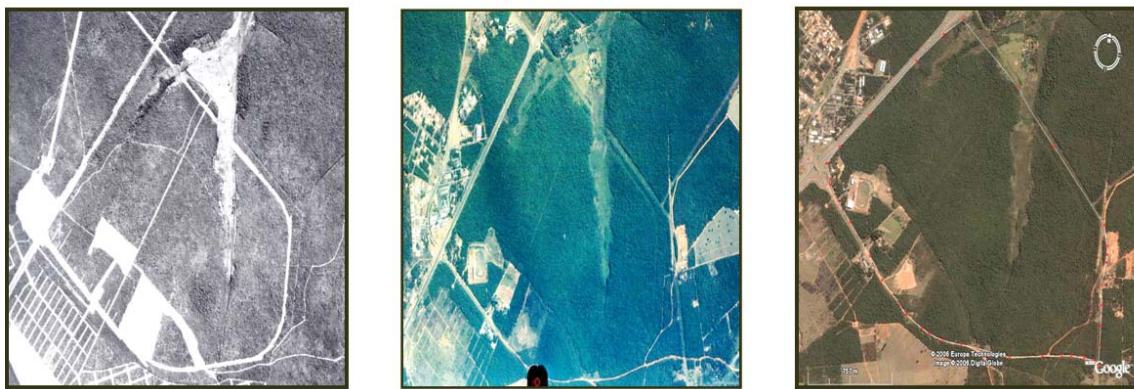
Gerais (64). A partir de uma matriz de similaridade de Jaccard com 547 espécies, foram aplicadas três técnicas de análise multivariadas: divisão hierárquica dicotômica por TWINSPLAN, classificação hierárquica aglomerativa por UPGMA e ordenação por DCA.

A análise por TWINSPLAN, resultou em quatro grupos, sendo que os fragmentos da região de Bauru pertenceram ao grupo formado por cerrado e ecótono (transição cerrado – mata estacional). Para aqueles autores, este grupo localiza-se preferencialmente na região oeste do estado de São Paulo e apresentam baixa similaridade com os fragmentos de cerrado dos Estados vizinhos.

Embora seja claro a grande diversidade de padrões fitogeográficos na área estudada, os autores reconhecem a dificuldade em identificar quais os fatores estão relacionados a eles. Clima e solo, são frequentemente associados a tais variações. Neste estudo, o grupo ao qual pertencem os fragmentos de Bauru, parece estar associado a climas mais frios, úmidos e de menor período de seca e um solo menos ácido, com maior capacidade de retenção de umidade do que os demais grupos onde predominavam formações campestres e savânicas.

Para Ruggiero et al. (2002) existe clara distinção entre florestas semidecíduais e cerrados, baseado nos parâmetros do solo. No entanto, os resultados obtidos por aqueles autores em três fisionomias de cerrado e uma de mata estacional, acusaram uma alta concentração de alumínio no solo nas quatro áreas estudadas. Concluíram que esta característica edáfica não parece limitar o desenvolvimento de matas estacionais na região do cerrado. Complementam que, além das características do solo, outros fatores podem estar associados às diferenças estruturais entre fisionomias de vegetação.

Faraco (2007) incluiu em sua dissertação de mestrado, três fotos do Câmpus de Bauru da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) obtidas em 1972, 2002 e 2006. Verifica-se nesta sequência de fotos, que em 1972 a biomassa vegetal era menor que a atual, com evidentes áreas campestres e trilhas, hoje não mais existentes. Neste período, com a instalação da Fundação Educacional de Bauru e posteriormente a UNESP em 1988, aquela área teve maior proteção, principalmente contra o fogo. Assim, em um mesmo ambiente climático e edáfico, pôde-se observar uma mudança de fisionomia de campestre e savânico para florestal, sendo a única variável provável a proteção contra o fogo. Neste caso, as observações de Serra Filho et al. (1974), indicando 13,63% de cerrado sentido restrito e 3,27% de campo cerrado, poderiam estar corretas, pois foram obtidas em período anterior a esta transformação (Figura 1).



1972

2002

2006

Figura 1 - Imagens aéreas obtidas do Câmpus de Bauru da UNESP, em um intervalo de 34 anos (Extraído de Faraco, 2007).

Observação semelhante foi relatada por Pinheiro (2006), em um fragmento de cerrado no município de Corumbataí, SP, a partir da análise de várias fotos obtidas por um período de 43 anos, sendo que na mais antiga, 1962, verificava-se que aproximadamente 80% da área apresentava aspecto campestre equivalente a campo cerrado. Na última foto obtida em 2005, a vegetação campestre era inferior a 20%, sendo substituída por vegetação com fisionomia florestal, identificada naquele trabalho como sendo cerradão. De acordo com o autor, não há registros de fogo no período citado.

Siqueira e Durigan (2007) consideram que a distribuição atual do cerrado e da floresta estacional no Estado de São Paulo, apresenta um padrão de mosaico bastante evidente, sendo impossível, muitas vezes, determinar onde uma formação termina e a outra começa. Acrescentam que tal padrão resulta também de sucessivas expansões e retrações de áreas de florestas estacionais e cerrado, seguindo as flutuações climáticas do Quaternário (LEDRU, 2002). Para estes autores, há 2.180 anos AP (antes do presente) o cerrado ocupava uma área maior que a atual, resultante de um período mais seco. A partir de então o clima tornou-se gradativamente mais úmido e os campos de cerrado dos topos dos morros evoluíram para cerradão. Há apenas 600 anos, considerando os trabalhos de Behling (2003), as áreas de florestas estacionais avançam sobre o cerradão.

Ratter (1992) relatou que a transição floresta-cerrado é frequentemente dinâmica, com a floresta expandindo sobre o cerrado em muitas localidades. Tal expansão é observada na América do Sul, inclusive no estado de São Paulo e deve estar ocorrendo desde a última glaciação. No entanto, aquele autor chama a atenção que este processo pode estar sendo mascarado pela intensa degradação dos ecossistemas naturais causada pelo homem.

### **O complexo vegetacional do município de Bauru – Situação atual**

Segundo o monitoramento da cobertura vegetal publicada no Inventário Florestal da Vegetação Natural do Estado de São Paulo (KRONKA et al., 2005), apesar da estabilidade no índice de desmatamento no Estado de São Paulo, a Região Administrativa de Bauru foi a terceira em perda de vegetação natural, passando de 114.649 ha em 1990, para 102.745 ha no ano 2000, totalizando uma perda de 10,38% de seus remanescentes no intervalo de 10 anos (RANGEL de ALMEIDA et al., 2010). Por isso, todos os trabalhos mais recentes são relativos aos fragmentos, remanescentes da vegetação que cobria o Estado até início do século XX.

No município de Bauru, destacam-se dois grandes fragmentos. O primeiro, de natureza florestal, confirmando a descrição de Cardoso (1952), está localizada do lado da margem esquerda do rio Bauru, embora pertença à bacia hidrográfica Tietê-Batalha, definida como Unidade Hidrográfica de Gerenciamento de Recursos Hídricos 16 (UGRHI 16). Nele foi realizado o primeiro trabalho de natureza florística e fitossociológica em fragmentos de vegetação nativa no Município por Cavassan (1982), publicado por Cavassan (1983) e Cavassan, César e Martins (1984). Denominada Reserva Estadual de Bauru, atual, Estação Ecológica Sebastião Aleixo da Silva, também conhecida como Estação Ecológica de Bauru. Posteriormente Toniato (2001) desenvolveu trabalho na mesma área, comparando ambientes onde havia indicadores da invasão do gado bovino com outros protegidos. Em 2010, foi publicado o plano de manejo daquela Estação (RANGEL de ALMEIDA et al., 2010). Localiza-se ao norte da cidade de Bauru, distante 15 quilômetros do centro, três quilômetros da Rodovia que liga Bauru a Iacanga, SP (SP-321), na altura do quilômetro 352, nas coordenadas 22°13' - 22°15'S, 49°04' - 49°06'W com uma área de 287,98 ha.

Considerando-se a amplitude altimétrica ocorrente naquela Estação Ecológica entre 480 e 578 m, a mais de 22° de latitude sul, a vegetação é considerada Floresta Estacional Semidecidual Submontana (VELOSO, 1992).

Foram identificadas nos trabalhos realizados naquela Estação 226 espécies vegetais lenhosas, sendo que 14 foram enquadradas em alguma categoria nas listas de espécies ameaçadas de extinção para o estado de São Paulo (RANGEL de ALMEIDA et al., 2010).

O segundo fragmento é formado predominantemente por vegetação de cerrado, embora apresente fisionomia florestal, conhecido como cerradão ou savana florestada (VELOSO, 1992). Em duas bacias, encravadas entre o cerrado, encontram-se dois fragmentos de mata estacional semidecidual ribeirinha com encharcamento permanente (mata de brejo), nascentes do córrego vargem limpa, afluente da margem direita do Rio Bauru, que por sua vez é tributário do Rio Tietê, pertencendo à bacia hidrográfica Tietê-Jacaré (Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos 13 - UGRHI 13).

Ocorre na Reserva Legal do Campus de Bauru da UNESP com 265,4235 ha, Jardim Botânico Municipal com 321,17 ha e Reserva Ecológica da Sociedade Beneficente Enéas Carvalho de Aguiar com 217 ha, em áreas contíguas que totalizam aproximadamente 803 ha.

Conclui-se, portanto, que Bauru apresenta um complexo vegetacional formado por cerrado, representado, em sua maior parte por cerradão ou, conforme descrito por Veloso (1992), como savana florestada. Em sua flora, com mais de 360 espécies vasculares descritas no município, destacam-se o pequi (*Caryocar brasiliense* Cambess.), ipê-amarelo-do campo (*Tabebuia aurea* (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S.Moore), barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* Benth.), pau-de-tucano (*Vochysia tucanorum* Mart.), gabiroba (*Campomanesia pubescens* (Mart. ex DC.) O.Berg) e murici (*Byrsonima coccolobifolia* Kunth). Predomina nas áreas de interflúvio da região sudeste do município de Bauru, sendo que, nos vales, ocorrem campo úmido cerrado e matas estacionais semidecíduais ribeirinhas com encharcamento permanente, popularmente conhecidas como mata de brejo ou mata paludosa. Nestas matas úmidas, destacam-se as espécies guanandi (*Calophyllum brasiliense* Cambess.), palmito juçara (*Euterpe edulis* Mart.), palmeira guaricanga (*Geonoma brevispatha* Barb. Rodr.), cedro-do-brejo (*Cedrela odorata* L.) e pinha-do-brejo (*Magnolia ovata* (A.St.-Hil.) Spreng.).

Na porção noroeste predominam fragmentos de mata estacional semidecidual. Em sua flora destacam-se a peroba-rosa (*Aspidosperma polyneuron* Müll. Arg.), pau-d'alho (*Gallesia integrifolia* Spreng.), jequitibá (*Cariniana estrellensis* (Raddi) Kuntze), cedro (*Cedrela fissilis* Vell.), paineira (*Ceiba speciosa* (A. St.-Hil.) Ravenna) e jatobá-da-mata (*Hymenaea courbaril* L.).

Entre fragmentos de cerradão e mata estacional semidecidual, é comum encontrar-se áreas de transição, onde, além de representantes dos dois tipos de vegetação, destacam-se as espécies copaíba (*Copaifera langsdorffii* Desf.), faveiro (*Pterodon emarginatus* Vogel), capitão-do-mato (*Terminalia argentea* Mart.), peito-de-pomba (*Tapirira guianensis* Aubl.), almecega (*Protium heptaphyllum* (Aubl.) Marchand) e canelinha (*Ocotea corymbosa* (Meisn.) Mez).

## Referências

BEHLING, H. Late glacial and Holocene vegetation, climate and fire history inferred from Lagoa Nova in the southeastern Brazilian lowland. *Vegetation History and Archaeobotany*. n. 12, p. 263-270, 2003.

- BITENCOURT, M. D.; MENDONÇA, R. R. *Viabilidade de conservação dos remanescentes de cerrado no Estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004. 169p.
- CARDOSO, J. P. Exploração dos Rios Feio e Aguapeí. *Revista do Instituto Geográfico e Geológico*. São Paulo, v. 10, n. 3 e 4, p. 19-81, jul./dez., 1952.
- CAVASSAN, O. *Levantamento fitossociológico de vegetação arbórea da mata da Reserva Estadual de Bauru, utilizando o método de quadrantes*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1982. 102p.
- CAVASSAN, O. *Levantamento fitossociológico da vegetação arbórea da mata da reserva Estadual de Bauru utilizando o método de quadrantes*. Cadernos de Divulgação Cultural, Faculdades do Sagrado Coração, Bauru. v. 4. 1983. 81 p.
- CAVASSAN, O. *Florística e fitossociologia da vegetação lenhosa em um hectare de cerrado no Parque Ecológico Municipal de Bauru (SP)*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, SP. 1990.
- CAVASSAN, O., CESAR, O., MARTINS, F.R. Fitossociologia da vegetação arbórea da Reserva Estadual de Bauru, estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Botânica*, v 7, n. 1, p: 91-106. 1984.
- CARBONI, M. *Estrutura e diversidade vegetal de uma floresta estacional semidecídua ribeirinha com influência fluvial permanente (mata de brejo) na Reserva Legal do Campus de Bauru-SP da Unesp*. (Ciências Biológicas (Botânica) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2007.
- CHRISTIANINI, S. R.; CAVASSAN, O. O estrato herbáceo-subarbustivo de um fragmento de cerrado em Bauru-SP. *Salusvita*, v. 17, n. 1, p. 9-16, 1998.
- DURIGAN, G., RATTER, J.A., BRIDGEWATER, S., SIQUEIRA, M.F. & FRANCO, G.A.D.C. Padrões fitogeográficos do cerrado paulista sob uma perspectiva regional. *Hoenea*, v. 30, p 39-51. 2003.
- FARACO, A., G.. *Composição florística e fitossociologia de uma área de cerrado na Reserva Legal do Campus de Bauru da Unesp – SP*. (Ciências Biológicas (Botânica)) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2007
- FERRACINI, M. C.; FERLINI, R. F.; CAVASSAN, O. Composição florística de uma área de cerrado no município de Bauru-SP. *Salusvita*. V. 1, n.2, p. 1-9, 1983.
- FERRI, M. G. *Ecologia: temas e problemas brasileiros*. Livr. Itatiaia Ltda e EDUSP. 1974.
- GENOVEZ, P.; R. *Palmeiras ocorrentes em fragmentos remanescentes de vegetação nativa de Bauru e municípios vizinhos – São Paulo*. (Ciências Biológicas (Botânica)) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2007.
- HOEHNE, F. C. Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon. Secretaria da Agricultura, São Paulo, Brasil, 1951. 400p.
- KOCH, I.; KINOSHITA, L. S. As Apocynaceae da Região de Bauru, São Paulo, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, São Paulo, v.13, n.1, p.61-86, 1999.
- KRONKA, F. J. N.; MATSUKUMA C. K.; NALON M. A.; CALI I. H. D.; ROSSI M.; MATTOS I. F. A.; SHIN-HIN-IKE M. S.; PONTINHAS, A. A. S. *Inventário florestal do estado de São Paulo*. Instituto Florestal, SP. 2005.
- LEÃO, R. M. *A floresta e o homem*. 448 p. São Paulo: Edusp. 2000.
- LEDRU, M.P. Late quaternary history and evolution of the cerrados as revealed by palynological records. In *The Cerrados of Brazil: Ecology and natural history of a neotropical savanna* (P. S Oliveira & R. J. Marquis, eds.). Columbia University Press, New York, p. 33-50. 2002.



- LÖEFGREN, A. Ensaio para uma distribuição dos vegetais nos diversos grupos florísticos no estado de São Paulo. *Bol. Com. Geog. Geol.* n. 11, p. 1-50. 1898.
- NOGUEIRA, J. C. B. A flora do Município de Bauru. *Silvicultura em São Paulo*, São Paulo, v. 10, p. 45-54, 1976.
- PASCHOAL, M. S.; CORRÊA, P. L. *Pelas trilhas do Jardim Botânico de Bauru*. São Paulo: EDUSC, 1996.
- PINHEIRO, M. H. O.; MONTEIRO, R. Florística de uma floresta estacional semidecidual, localizada em ecótonosavânico-florestal, no município de Bauru, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasílica*, v. 22, n.4, p. 1085-1094, 2008.
- PINHEIRO, M. H. O., MONTEIRO, R. & CESAR, O. Levantamento fitossociológico da floresta estacional semidecidual do Jardim Botânico Municipal de Bauru, São Paulo. *Naturalia*, v. 27, p 145-164, 2002.
- RANGEL de ALMEIDA, E. M.; TONIATO, M. T. Z.; DURIGAN, G. (coord.). *Estação Ecológica de Bauru: plano de manejo*. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente, Fundação Florestal, Instituto Florestal, 2010. 200p.
- RATTER, J. A. Transitions between cerrado and forest vegetation in Brazil. In: FURLEY, P.A.; PROCTOR, J.; RATTER, J. *Nature and Dynamics of Forest-Savanna Boundaries*. London: Chapman & Hall, 1992. 616 p.
- RUGGIERO, P. G. C.; BATALHA, M. A.; PIVELLO, V. R.; MEIRELLES, S. T. Soil-vegetation relationships in cerrado (Brazilian savanna) and semideciduous forest, Southeastern Brazil. *Plant Ecology*, v. 160.p. 1-16, 2002.
- SAINT-HILAIRE, A. DE. *Viagem à província de São Paulo*, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp. 1976.
- SERRAFILHOR, CAVALCANTE AC, GUILLAUMON JR, CHIARINI JV, NOGUEIRA FP, IVANCKO CM, BARBIERI JL, DONZELLI PL, COELHO AGS, BITTENCOURT I. Levantamento de cobertura natural e de reflorestamento no cerrado de São Paulo. *Boletim Técnico I.F.*, São Paulo, p. 1-56, 1974.
- SIQUEIRA, M.F. DURIGAN, G. Modelagem da distribuição geográfica de espécies lenhosas de Cerrado no estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Botânica*, v. 30, p. 233-243. 2007.
- TONIATO, M. T. Z. *Variações na composição estrutura da comunidade arbórea de um fragmento de floresta semidecidual em Bauru(SP), relacionadas a diferentes históricos de perturbações antrópicas*. 2001. 95 f. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Campinas.
- VELOSO, H. P. Fitofisionomias e algumas considerações sobre a vegetação do Centro Oeste Brasileiro. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, v. 46, n. 4, p. 812-852, 1948.
- VELOSO, H. P. Sistema fitogeográfico. In: *Manual técnico da vegetação brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. p. 9-38. 1992
- WEISER, V. de L. *Árvores, arbustos e trepadeiras do cerradão do Jardim Botânico Municipal de Bauru, SP*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, SP. 2007.
- WENZEL, G. (Coord.). *Os frutos da terra*. Bauru 1986-1988. São Paulo: Marprint, 1988.
- ZALUAR, A. E. *Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)*. São Paulo, SP: EDUSP, 1975.